

Nova Era de Aquário

João Lupi

Resumo

O trabalho tem dois objetivos complementares: apresentar uma explicação da Nova Era (NE) a partir da Era de Aquário e mostrar o estreito relacionamento da NE com a sociedade contemporânea. A composição musical *Aquarius* lançada em Hair anuncia uma NE e como tal foi entendida desde então. Eventos musicais como os Beatles e Woodstock acompanharam essa compreensão de um sonho de fraternidade universal. Coincidentemente com esse período de 1967/69, outros movimentos vieram agregar à mentalidade contemporânea e, portanto, à NE, fortes conotações de rebeldia e de contracultura, por vezes ampliando as características espirituais, ou realizando-as. A mentalidade religiosa de extrema tolerância e sincretismo da NE parece ser o meio espiritual de onde surgirão novos movimentos religiosos.

Palavras-chave: Nova Era. Era de Aquário. Sociedade contemporânea.

Abordagens e hipótese

A Nova Era é uma realidade imprecisa, sujeita a diferentes abordagens e interpretações; por isso, começaremos por expor alguns pontos de vista a seu respeito, partindo da identificação entre a Nova Era e a Era de Aquário. A partir daí agregaremos alguns fatos posteriores na tentativa de relacionar Nova Era com sociedade contemporânea, sendo a NE, ao mesmo tempo, resultado e intérprete da sociedade contemporânea.

No plano da teoria da história recordamos as considerações de Arnold Toynbee, que, ao comparar o declínio das civilizações, propõe como interpretação para o nascimento de uma civilização a existência de uma fase de transição constituída pela religião. Segundo o autor, no seio de uma sociedade em desagregação proliferam as religiões de salvação, e é em algumas de-

* Doutor em Filosofia (Universidade Católica Portuguesa, 1982), professor associado (Filosofia Medieval, Filosofia da Religião, Pensamento Oriental) do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina.

las que se concentram os elementos que darão continuidade ao que pode ser preservado e ao mesmo tempo criarão uma nova sociedade: é a crisálida, em que se gera um novo ser social e cultural. Neste ponto a comparação entre a sociedade ocidental contemporânea e o final do Império Romano tornou-se um tema comum, pois é flagrante a semelhança entre as inúmeras religiões orientais que confluíam para Roma e a proliferação de Igrejas e de novas religiões desde o início do século XX.

As ciências das religiões, sobretudo a religião comparada e a história das religiões, mostram-nos que na atualidade existe um panorama imensamente complexo no que se refere à religião. Façamos uma breve descrição. Quase todas as religiões antigas, mesmo as de povos desaparecidos ou incorporados a outros, ainda estão presentes. Para só falar do cristianismo, lembramos que os folclores europeu e americano conservam traços evidentes de crenças e rituais não só celtas e germânicos (Maypole/Maybaum, Samhain/Halloween), mas também anteriores, de culturas ditas “megalíticas” (banhos de purificação); e algumas associações recuperaram, de forma um tanto fictícia (mas nem sempre), cultos druídicos e bruxarias. Fora do cristianismo basta ver o sucesso que a religião egípcia tem em certas entidades religiosas atuais. Em todos os povos colonizados pelos europeus surgiram, desde final do século XIX, movimentos religiosos sincréticos, ou novos ramos de religiões tradicionais, tanto na Índia como na China e no Japão. Contudo, a maioria surgiu em povos de cultura menos erudita como religiões de salvação,

algumas das quais alinharam junto com os guerrilheiros na luta armada para a expulsão do colonizador.

Por outro lado, dentro do cristianismo proliferam novas Igrejas e novos movimentos em Igrejas tradicionais, desde pentecostalistas até fundamentalistas e carismáticos. A ciência da religião analisa e compara todo esse imenso conjunto, verifica a dificuldade de mostrar a coerência na sua totalidade, a não ser a relativa à coexistência no tempo e no espaço, mas constata a presença de múltiplas interferências mútuas, quase todas a partir (ou no interior) do cristianismo. Essa convivência em que permanecem quase todas as religiões (ou traços delas) que já existiram gera um clima de tolerância generalizada, no qual as diferenças tendem a ser minimizadas, e nenhuma religião continua como era. Mesmo os movimentos conservadores e fundamentalistas que pregam o retorno “à pureza antiga”, como no islamismo, no judaísmo e no cristianismo, não podem retroceder no tempo nem reconstituir a situação que já passou; até os conservadores criam entidades contemporâneas e, portanto, novas.

A situação da religião na atualidade aparece, pois, como uma situação globalizada, mundial, em que, como tudo o mais na sociedade contemporânea, a presença da cultura e da religião ocidentais são constantes, e muitas vezes dominantes. Se a Nova Era, como “algo” ainda indefinível, está ligada à religião, também pode ser considerada como caracteristicamente ocidental, ou, pelo menos, como algo que pode ser estudado de modo preferencial do

ponto de vista ocidental e cristão. Aqui enfrentamos um problema difícil de resolver: se, por um lado, é certo que movimentos religiosos, por exemplo da Índia, contribuíram para compor a Nova Era, por outro, é certo também que as Igrejas etíopes sul-africanas ou os cargo *cult* da Oceania, apesar de integrarem o panorama religioso contemporâneo, não parece que devam ser incluídos na Nova Era. Portanto, mesmo que se aborde a Nova Era como tipicamente ocidental ou euro-americana, não se pode excluir, pelo contrário, a presença da Nova Era na África e na Ásia, nem se pode facilmente distinguir o que nesses continentes e nas religiões não cristãs é ou não, compõe ou não a Nova Era.

Aceitando, portanto, como válida a abordagem preferencial do estudo da Nova Era a partir do Ocidente, podemos, como mais um recurso metodológico, recordar as diversas “novas eras” que surgiram dentro do Antigo e do Novo Testamento e, posteriormente, dentro do cristianismo. Lembremos apenas três: a de Isaías, a do Evangelho e a de Joaquim de Fiore.

O profeta Isaías anunciou uma era de paz e harmonia, de felicidade e de fraternidade, que a teologia cristã tem citado exaustivamente, pois identifica com Jesus Cristo, o Messias, a passagem: “Eis, nasceu-nos um menino, um filho nos foi dado; sobre cujos ombros está o principado, e cujo nome é: Admirável conselheiro, Deus forte, Pai perpétuo, Príncipe da Paz” (Is. 9,5); e quando ele governar o mundo: “Habitarão juntos o lobo e o cordeiro e o leopardo deitar-se-á ao lado do cabrito” (Is. 11,6); “então abrir-se-ão os olhos aos

cegos, e os ouvidos aos surdos descerrarem-se-ão”. (Is. 35,5). E termina: “Quanto os novoscéuse a nova terra que eu estou para criar durarem sob os meus olhos, diz o Senhor.” (Is. 66,22).

Diferente é o Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo, que exigirá sacrifícios e renúncias, mas que nem por isso deixará de ser uma época de felicidade geral: “A lei e os profetas alcançam até João; de então para cá é anunciado o Reino de Deus, e cada um se esforça por entrar nele.” (Lucas 16,16). Mas ele é espiritual e ao ser anunciado já se torna presente: “O reino de Deus não vem ostensivamente, nem se dirá: ei-lo aqui, ei-lo ali; eis que de fato o reino de Deus já está entre vós.” (Lucas 17,20). Na Idade Média havia muitas esperanças e utopias de terras e idades, de fartura e felicidade paradisíacas – Ilhas Afortunadas, Cocanha e outras –, mas a que Joaquim de Fiore (1145-1202) e seus discípulos, sobretudo os franciscanos espirituais anunciavam que era uma Nova Era de fraternidade, na qual as normas e as leis seriam substituídas pelo amor, a fraternidade daria pão para todos, o sacerdócio seria de todos os cristãos, sem hierarquias.

Essa Nova Era perdurou anunciada nas festas do Divino Espírito Santo, criadas em Portugal sob a égide dos franciscanos e ainda muito presentes no Brasil. Os anúncios de Nova Era no judaísmo e no cristianismo, que são religiões de caráter profético, têm sido relativamente frequentes e podem ser comparados a outros milenarismos e messianismos. Só pelos exemplos apontados vemos que a Nova

Era anunciada é diferente em cada caso, mas sempre tem um caráter predominantemente espiritualista.

Tal como indicado por essas abordagens, podemos apresentar como hipótese de trabalho inicial os seguintes traços: a Nova Era é um movimento espiritual recente (duas gerações), que se alimenta de influências religiosas diversas, mas não constitui uma religião institucional; tem presença peculiar, mas não exclusiva, no Ocidente; prolifera em meios sociais em que os valores tradicionais são muito contestados; anuncia uma vida melhor da humanidade com aspectos salvacionistas e concretiza-se em inúmeras realizações e doutrinas.

Era de Aquário

Constatamos que, quando se fala em Nova Era, há frequentes referências à Era de Aquário. Como exemplo, no documento “Solascriptura”¹ diz-se: “O termo Nova Era (New Age) refere-se à Era de Aquário que, de acordo com seus seguidores, está se iniciando.” Tomamos como data e fato marcante o lançamento da composição musical “Aquarius”, do musical *Hair* (1967),² estabelecendo uma referência histórica a partir da qual ampliaremos a descrição evolutiva da Nova Era. O espetáculo musical *Hair* foi criado por James Rado e Gerome Ragni (letras) e por Galt Mac Dermot (músicas) e estreou oficialmente na Broadway em 17 de outubro de 1967. O contexto de *Hair* é o do movimento *hippy* da década de 1960 (ou um pouco antes), pelo que haverá que ter em conta essa influência na Nova

Era, bem como o mote *hippy* “paz e amor” e sua contrapartida “faça amor, não faça guerra”, como temas até hoje importantes na Nova Era. Era um ambiente de protesto contra a guerra, de crítica à sociedade estabelecida e, ao mesmo tempo, de esperança de construir um outro mundo, que surge na canção de “Aquarius”. Vejamos a letra (retirando a repetição do refrão):

Quando a Lua estiver na sétima casa
E Júpiter se alinhar com Marte
Então a paz guiará os planetas
E o amor dirigirá as estrelas.
Este é o alvorecer da era de Aquário
Harmonia e compreensão,
Simpatia e confiança por toda a parte,
Não mais o que é falso ou ridículo.
Sonhos vivos e dourados nas visões
Revelação de cristais místicos
E a liberação da verdadeira mente.³

O anúncio da Era de Aquário baseia-se em indicações astronômicas e astrológicas segundo as quais a constelação de Aquário presidiria o zodíaco durante um longo período. Como Aquário é o aguadeiro, aquele que, segundo a mitologia grega e egípcia, trazia, com a água, a abundância de alimento e a prosperidade, Aquário anuncia uma era paradisíaca. Do ponto de vista da influência dos ciclos anuais, Aquário é o indivíduo tolerante, criativo e muito sociável.

Vejamos mais em detalhes o que esperam de Aquário aqueles que acreditam em astrologia. Aquário tem como palavra-chave “universalismo” e, como habilidade, “um intelecto superior, preparado para os conhecimentos transcendentais”; a “nota básica de Aquário é a visão de futuro”; tem tendência a amar a humanidade; é inclina-

do ao “amor universal”; “é cheio de fé, mas não aceita dogmas”; sua função é “estabelecer relações entre o humano e o divino”. Quando Aquário se realizar plenamente como uma era do Zodíaco, “não existirão diferenças sociais ou raciais, os jardins não terão cercas, os países não terão fronteiras e todos viverão como irmãos”.⁴

Essas e outras características que as convicções dos adeptos relacionam com o signo de Aquário marcaram a canção de *Hair* como um sinal profético de um mundo feliz que há de vir, um mundo de harmonia, simpatia, sonhos, paz e amor. Mas há nisso um porém que a torna mais representativa: de fato, do ponto de vista da astronomia, a Era de Aquário não começou em 1967; na realidade, já foram feitas dezenas de cálculos para determinar esse início, cada um baseando-se num determinado ciclo ou evento (por exemplo, de conjunção de planetas) sem que nenhuma das datas indicadas tenha mais confiabilidade do que as outras. O fato de a Era de Aquário, concretizada na canção de *Hair*, se ter tornado uma referência da Nova Era deveu-se a uma escolha e a uma geral aceitação, não propriamente a uma definição astronômica ou astrológica com a qual todos concordem. A repercussão da ideia de Nova Era presente em *Hair* foi o resultado de uma mentalidade que a criou e a aceitou.

O anúncio de uma Nova Era, que seria a de Aquário, não tem nada a ver com o reino de Deus, nem com a Nova Era ou Idade do Espírito Santo; também não tem nada a ver com a crença no poder das ciências e técnicas tradicionais. Na visão dos adeptos Aquário, não será como a Nova

Atlântida de Francis Bacon, uma utopia regida por cientistas; será, quando muito, regida por sábios ou mestres espirituais. Pelas suas convicções astrológicas e pela busca de ciências alternativas, a Era de Aquário está em franca oposição à ciência racionalista moderna, mas também não tem fé na Providência Divina.

A contracultura na música

O período de cerca de dois anos entre 1967 e 1969 foi marcado por um conjunto de acontecimentos que, de algum modo, assinalam uma mudança cultural; muitos desses eventos podem ser estudados como formando parte de um contexto favorável à Nova Era. A descrição de cada uma dessas contribuições será sucinta; não se pretende analisar nem interpretar, apenas recordar o fato e apontar sua provável relação com a Nova Era.

Entre os fatos posteriores a *Hair* que podemos indicar como possíveis contributos e, sobretudo, como contextos significativos para entender a Nova Era, e talvez para consolidá-la e difundi-la, há alguns de caráter predominantemente cultural; outros com aparato político-social e, sem dúvida, alguns especificamente religiosos. Entre os culturais há, pelo menos, dois que, pela sua proximidade a *Hair* (poucos meses) e pela relação com o espetáculo musical, devem ser lembrados: a fase “oriental” dos Beatles, que em 1968 foram à Índia fazer um retiro espiritual, e o festival de música de Woodstock em 1969.

A banda de música dos Beatles foi formada no final da década de 1950 em Liver-

pool, Inglaterra, e despertou para o sucesso no cenário mundial em 1961. Em 24 de agosto de 1968 o grupo encontrou em Londres o guru indiano Maharishi Maheshi Yogi e poucos dias depois voltou a vê-lo em Bangor, Gales; com ele foram para a Índia e permaneceram sob sua orientação em meditação transcendental nos primeiros meses de 1968, em Rishikesh, no Estado de Uttar Pradesh. Nessa estadia foram compostas as músicas do Álbum Branco; pouco depois, em 1970, o grupo se desfez. A influência do guru e da meditação nas letras e músicas das composições pode ter sido importante, mas sua análise e exposição exigiriam um estudo cuidadoso e especializado que não nos compete agora. O que é preciso destacar é o recurso ao Oriente quando o grupo, no auge do sucesso, percebeu que esgotara sua capacidade criativa.

De fato, a banda se notabilizou como o apogeu da música ocidental na década de 1960/70, mas desde seu início mantinha a apresentação cultural de crítica à sociedade e à cultura ocidentais. Não bastando esse paradoxo, de uma contracultura bem-sucedida dentro da cultura, ainda quis romper definitivamente com o Ocidente recorrendo à Índia e à meditação; mas o recurso não foi duradouro. Com essa atitude tornou-se um caso exponencial de apelo ao “outro”, ao não ocidental. A religião cristã, desconsiderada, quando não ridicularizada, foi substituída por uma religião oriental apenas de aparência. Entretanto, um novo elemento simbólico veio se acrescentar quando John Lennon começou a ter novo sucesso, desta vez individual, com canções que beiram a religiosidade, mas

ignoram a religião: Imagine tornou-se um hino da paz mundial, um mundo de paz sem céu nem inferno (como diz a letra).

O Festival de Woodstock, realizado de 15 a 18 de agosto de 1969, foi anunciado como Woodstock Music and Art Fair, “uma exposição aquariana: três dias de paz e música”. Meio milhão de pessoas compareceu em Bethel, Nova Iorque, local para onde o festival se transferiu. O evento marcou não só os primeiros tempos dos grandes espetáculos musicais, que se tornaram característicos da cultura jovem dos últimos quarenta anos, mas também uma explosão da rebeldia pacífica. Não houve nada de explicitamente religioso em Woodstock; pelo contrário, houve a contestação geral e a “arrogância” da poderosa manifestação da contracultura – imediatamente incorporada ao grande negócio da cultura espetacular, como os Beatles. Mas a Nova Era é em muitos aspectos aparentemente religiosa, e é na descoberta da relação entre essas contradições de aparências que está o interesse e, é claro, a vulnerabilidade e dificuldade desta pesquisa.

A rebeldia social e política

Entre os eventos político-sociais imediatamente posteriores ao anúncio da Era de Aquário podemos destacar, pela sua característica de universalismo e pelo impacto causado, um conjunto de fatos “que abalaram o mundo” em 1968 e 1969.

Realmente, o ano de 1968 foi fértil em impactos globais: a revolução estudantil, os assassinatos de líderes populares e os movimentos reformistas políticos. Em

março começaram as revoltas de estudantes universitários (Roma, Varsóvia, São Paulo, Rio...), que, sem terem entre si nenhuma conexão institucional, mostravam o despertar geral de uma consciência que se expandiu pelo mundo, chegou ao apogeu na manifestação conjunta de estudantes e operários de Paris em 13 de maio e em 1969 ainda sacudia universidades africanas. A revolução estudantil foi não só o levante de outra forma de contracultura jovem, e desta vez no interior do “santuário” da cultura ocidental, mas também uma visão clara de que havia uma mentalidade não explícita (ou pouco conhecida), mas universal, que só esperava um toque para se manifestar ruidosamente.

No interior do núcleo forte do Ocidente, a superpotência dos Estados Unidos, tinham se levantado líderes que, na presidência ou próximos a ela, proclamavam a necessidade de mudanças estruturais, como a defesa dos direitos civis dos negros. Em 1963 John Kennedy foi assassinado (22 de novembro) e, mesmo que as circunstâncias e autores tenham sido escondidos, foi considerado mártir da causa dos que queriam um mundo melhor. Porém, quando em 1968 seu irmão Robert foi assassinado (5 de junho), pouco depois do assassinato do pastor Martin Luther King (Memphis, 4 de abril), para sempre esses eventos ficaram relacionados com o famoso discurso do pastor: “I have a dream”: ele e os irmãos Kennedy, e muitos outros líderes, tinham o sonho, como John Lennon exprimia em *Imagine*, de um mundo de fraternidade e amor; por isso – assim se crê – foram assassinados.

Na Europa de Leste, sob o poder da União Soviética, movimentos políticos e sociais reivindicavam maior liberdade de ação e expressão, sobretudo na Tchecoslováquia, onde a censura foi abolida em março desse ano; a direção central do Partido Comunista da URSS sentiu que, se um país sob seu domínio podia escapar ao controle, todo o seu bloco estremeceria, e em 20 de agosto as tropas do Pacto de Varsóvia, reunindo militares de toda a Europa de Leste, invadiram a Tchecoslováquia. A União Soviética agiu como poder complementar do Ocidente, mas à sua maneira: enquanto nos Estados Unidos o sonho de paz e amor foi contido pelo assassinato dos líderes, na parte oriental do Ocidente (a Rússia faz parte do Ocidente) a contenção se fez pelo esmagamento radical e total e, obviamente, pela confinamento dos líderes.

A relação entre o movimento estudantil e as lideranças carismáticas de certo modo libertárias e, delas, com a Nova Era tem alguns elementos claros: aspirações de paz e amor, de mundo fraterno, de universalismo pacífico. Mas, se as colocarmos no prisma das “Igrejas como crisálidas” de Toynbee, ganham uma tonalidade muito mais expressiva: estudantes, jovens, negros, músicos rebeldes e todos os que hoje chamamos de “excluídos” representam em *A study of history* o proletariado interno, aqueles grupos e segmentos que, vivendo no interior da sociedade dominante, são dominados e realmente excluídos. Contudo, é no seio desses que se desenvolvem as religiões de salvação como expressões de liberdade entre os oprimidos. E as lideranças atuais, e sacrificadas, podemos com-

pará-las à elite de Roma, aos senadores e patrícios, que não viviam essa condição de excluídos, mas dentre os quais alguns, mais honestos e conscientes, acabaram aderindo à causa dos oprimidos e se tornaram seus condutores.

Ambiente e Terra-Mãe

As informações sobre a problemática socioambiental começaram a circular em âmbito global desde o final da década de 1960, difundindo-se amplamente no mundo inteiro, mas ainda não despertando uma forte consciência da questão. A ecologia apareceu como um ente complexo, ao mesmo tempo virtual e concreto, acadêmico e político: ciência integradora, problemática da civilização, consciência coletiva e doutrina. Como ciência capaz de incorporar e relacionar entre si a sociologia e a meteorologia, a biologia e a antropologia, e muitas outras ciências, veio ao encontro de anseios acadêmicos e populares de oferecer uma sabedoria integral, ou integrativa, e de se apresentar como um novo modelo de ciência, em grande parte alternativa, atraindo parte das aspirações da contracultura, uma vez que se opõe frequentemente à cultura estabelecida.

Como problemática, veio pôr em causa os objetivos e dogmas progressistas materialistas e foi aceita, entusiasticamente às vezes, pelos adeptos de uma conscientização coletiva; portanto, oferece-se como um instrumento de luta política e social. Assumiu, assim, uma outra posição: a de uma doutrina de ação social cientificamente fundamentada; muitas vezes o aspecto

científico racional (das ciências ditas modernas) foi substituído pelas crenças e concepções de mundo exótico (em relação ao Ocidente oficial): ao planeta Terra chamam Terra-Mãe, elaboram conceitos panteístas e preenchem o mundo com gnomos, devas e forças espirituais, tendo se tornado forte inspiração e motor para alguns setores da Nova Era.

O encontro de Estocolmo de 1972 – I Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou “sobre o Meio Ambiente Humano” – é geralmente considerado como o ponto de partida para a grande difusão dos conceitos e ideais da ecologia, para a expansão do movimento ecológico, que, como uma presença marcante no final do século XX, coincide com o surgimento da Era de Aquário. Muito diferente, mas também contribuindo para uma nova visão de mundo, agora no aspecto cosmológico, foi a “saída da Terra” quando os astronautas da Apollo 11 pisaram o solo da Lua em 20 de julho de 1969: o universo se tornou mais “familiar” e vasta gama de idealismos e utopias ganhou foros de objetividade.

Movimentos religiosos

No campo estritamente religioso podemos assinalar dois movimentos complexos que certamente agregaram valores à Nova Era: a diáspora dos monges tibetanos e o pentecostalismo.

Em 21 de outubro de 1950 tropas chinesas ocuparam o Tibete e impuseram o regime comunista de Pequim. Os tibetanos não aderiram voluntariamente à in-

corporação à China e no final (20 a 31) de março de 1959 estalaram revoltas contra a ocupação. A guarnição chinesa da capital, Lhasa, foi atacada e, diante das represálias dos militares muitos monges, entre os quais o Dalai Lama, refugiaram-se na Índia, onde, em Dharamsala, constituíram um núcleo de conservação da cultura tibetana tradicional. Monges budistas tibetanos espalharam-se pelo mundo, pregaram suas doutrinas, fundaram mosteiros e ganharam muitos adeptos no Ocidente.

No Brasil vários núcleos, sangas e mosteiros, entre os quais o de Três Coras - RS, ganharam notoriedade e têm sido objeto de frequentes reportagens e entrevistas. Quer em razão dos mosteiros e monges, quer pela palavra do Dalai Lama, presença frequente em eventos internacionais, os ideais budistas, que já eram difundidos no Ocidente, conquistaram a simpatia de muitos setores e se fundiram não só com doutrinas cristãs, mas deram notável contribuição para a “espiritualização” das doutrinas ecológicas. Muitos cristãos, sem abandonar sua formação básica, consideram-se budistas.

O termo “pentecostalismo” vem de *pentekonta*, que em grego significa cinquenta e assinala uma data do calendário judaico, cinquenta dias posterior à Páscoa. Nesse dia os apóstolos, depois de Jesus Cristo ter-se retirado do seu convívio, receberam a inspiração individual pela presença do Espírito Santo. (Atos 2,1-13). Passados os primeiros tempos de entusiasmo pela missão recebida de Cristo, os sucessores dos apóstolos sentiram necessidade de organizar as comunidades, e passadas

algumas gerações as Igrejas estavam institucionalizadas segundo hierarquias; as inspirações pessoais vindas do Espírito Santo passaram a ser controladas pelas autoridades eclesiásticas. A oposição a esse controle nunca deixou de existir, nem de ser reprimida, mas só no século XVI as Igrejas Reformadas aboliram o sacerdócio institucional e devolveram aos fiéis comuns a possibilidade de seguirem sua inspiração individual e de considerarem a presença do Espírito Santo em cada pessoa como obra da graça divina, que não precisa de sanção da autoridade. No início do século XX essa liberdade ganhou formas mais radicais, de total autonomia individual e, sobretudo, de se concretizar em cultos que favorecem e, de certo modo, atraem a presença do Espírito Santo.

Esse movimento das Igrejas Pentecostais, ou pentecostalismo, no Brasil ganhou força de expansão sobretudo no pós-guerra, mais particularmente na década de 1960, acabando por influenciar Igrejas mais conservadoras com movimentos carismáticos: cultos alegres, invocações ao Espírito, liberdade de palavra na assembleia, cantos entusiásticos, exclamações, bater de palmas; danças são consideradas adequadas para alcançar a presença do Espírito Santo.

Um budista ocidental, ou um membro de uma Igreja Pentecostal, não se considera “uma Nova Era”, mas é aquilo que é, budista ou cristão pentecostal; da mesma forma, um fã dos Beatles, um líder estudantil, ou um fervoroso adepto da ecologia também podem nem saber de que trata a Nova Era. Mas há que reconhecer que todas essas

concepções de vida são novas, próprias das duas últimas gerações, e foram possíveis por um ambiente cultural que as favoreceu e para o qual todos contribuem.

Depois da Nova Era

A hipótese de interpretação que apresentamos é apenas um esboço e, de certo modo, um projeto de pesquisa mais amplo. Para lhe dar consistência precisaríamos não só desenvolver os eventos e relações indicados, mas acrescentar-lhes uma busca dos antecedentes, indo até, por exemplo, a teosofia de final do século XIX e, ainda, uma caracterização de Nova Era. Mas vamos deixar esses complementos subentendidos e terminar com algumas reflexões.

Os fatos e fatores complexos dos vinte anos posteriores a 1967/69 não alteraram muito o panorama cultural e religioso já desenhado; de certo modo, as forças despertadas nesses anos apenas se realizaram. Os movimentos sociais, e particularmente a contracultura, foram assumidos por muitos artistas e intelectuais e, em parte, por alguns líderes (Gorbachev, Soljenitsin, Sakharov para só falar desse “Ocidente separado”). As ditaduras e os governos militares, alguns deles impostos precisamente nesse período de 1967/69, cederam lugar a governos mais democráticos, com maior liberdade individual, particularmente da expressão política e cultural, sobretudo na América Latina e na península Ibérica.

Mas a partir de 1989 parece que uma nova etapa se esboçou. O movimento libertador impôs-se até para além da “Cortina de Ferro”, derrubou o regime comunista da União Soviética e dos seus satélites. A

rebeldia jovem e a contracultura atingiram parte de seus objetivos – seria longo explicar que outra parte foi cooptada, comprada, ou transformada em grande negócio, e outra parte, ainda, foi esquecida, ou reprimida. E assim, de certo modo, perdeu a força. Sem a Guerra Fria e sem ditaduras para combater, sem guerras coloniais, e alcançada a tolerância interna de convivência de todas as religiões e crenças – os negros alcançaram os direitos humanos completos nos Estados Unidos, a Igreja Católica depois do Concílio Vaticano II moderou seu dogmatismo – a própria Nova Era parece ter se apagado. Já não são frequentes as estantes, nem os títulos, nem as matérias de revistas com esse tema – aliás, as estantes de Nova Era deram lugar a “ocultismo”, “esoterismo”, “autoajuda” e “religiões”. Mas a Nova Era não se extinguiu, pelo contrário, foi incorporada aos movimentos espirituais que surgiram, que a realizaram e de algum modo a institucionalizaram (que é o destino de toda ideia espontânea): neopentecostalismo, movimentos carismáticos e algumas reformas e contestações impensáveis há poucos anos, mas que ganharam o público, como a aceitação popular dos Evangelhos Apócrifos como fontes de inspiração doutrinal.

Entretanto, outras forças globalizadas e globalizantes – internet e celular – estabeleceram uma rede interindividual e interinstitucional que se expandiu rapidamente, gerou relações rápidas e estreitas de consequências ainda incompletas e que não podemos avaliar, mas que podemos supor que estarão a par com esta recente fase da Nova Era.

A Nova Era (de Aquário) e a sociedade contemporânea (recente) estão estreitamente relacionadas: a Nova Era é a manifestação da sociedade atual, que, por sua vez, é o contexto sem o qual a Nova Era não seria possível. A Nova Era é o resultado da sociedade contemporânea e como tal a interpreta. Mas não se pode dizer que a Nova Era seja a “alma” da sociedade atual, porque esta sociedade não tem unidade e, portanto, tem muitos princípios espirituais que a realizam e a tornam viva. A Nova Era é, talvez, o princípio espiritual mais significativo, mais representativo da sociedade contemporânea, mas não o único, até porque sob o nome de Nova Era há muitas explicações e muitas maneiras de dizer e de concretizar o que é Nova Era. Não se pode saber nem dizer com exatidão o que é a sociedade contemporânea e o que é a Nova Era; todavia, se queremos saber o que devemos fazer para caminhar e decidir o nosso caminho, num sentido positivo e construtivo, precisamos interpretar a Nova Era, porque é o meio espiritual amplo dentro do qual os espíritos contemporâneos se movem.

The New Age of Aquarius

Abstract

The purposes of this paper are complementary: to present an explanation of New Age (NA) from the announcement of the Age of Aquarius, and to demonstrate the intimate connection between NA and present day society. The lyrics of *Aquarius*, as part of the musical *Hair*, proclaimed a NA and so it was

understood since then. Musical facts as The Beatles and Woodstock Festival followed this expectation of a dream of universal fraternity. During this period of 1967/69 other social movements concurred, adding to NA some elements of cultural stubbornness and contestation, and some of them enlarging the spiritual characteristics of NA, or even giving to NA a kind of actual manifestation. As a mentality of extreme toleration and syncretism NA seems to be the spiritual ambiance which will give birth to new religious movements.

Key words: New Age. Age of Aquarius. Contemporary Society.

Notas

- ¹ <http://solascriptura-tt.org> 1.C.
- ² Assistimos ao Hair em Lisboa em 25 de janeiro de 1975 e ao filme de Milos Forman em Florianópolis em 16 de outubro de 2009.
- ³ Tradução nossa.
- ⁴ BEL-ADAR 2009: 19,34, 43, 46, 69, 89, 127

Referências

- AMARAL, Leila. *Carnaval na alma*. Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BEL-ADAR. *Aquário*. 12. reimp. São Paulo: Pensamento, 2009. (Coleção Você e a astrologia).
- BERGERON, Richard; BOUCHARD, Alain; PELLETIER, Pierre. *A Nova Era em questão*. Trad. de Sérgio J. Schirato. São Paulo: Paulus, 1994 (Montreal, 1992).
- CAROZZI, Maria Júlia (Org.). *A Nova Era no Mercosul*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANTERNARI, Vittorio. *Movimientos religiosos de libertad y salvación en los pueblos primitivos*. Trad. de Andrés Lupo. Barcelona: Seix Barral, 1965. (Milão, 1960).

LUPI, João. Las nuevas religiones. In: BARDÉS FAURA, Carlos et al. *Dios y el hombre. Enciclopedia Temática Cies*, Barcelona, v. 19, p. 278-284, 1970.

MAGALHÃES, Dulce (Org.). *A paz como caminho*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2006.

SIMMONS, J. L. *O despertar da Nova Era*. Trad. de Marcello Borges. São Paulo: Siciliano, 1992 (1990).

_____. *The Columbia Encyclopedia*. 5. ed. Nova Iorque: Columbia University Press, 1993 (1935).

TOYNBEE, Arnold J. *A study of history*. Abridgement by D. C. Somervell. Nova Iorque/Londres: Oxford U. P., 1957. v. 2. p. 81-87, "Churches as Chrysalises".

WILLIAMS, Hywell. *Cassell's Chronology of world history*. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 2005.

- <http://www.wikipedia.org/wiki/Hair>. Acesso em: 25 out. 2008.

- <http://www.greatdreams.com/aquarius.htm>. Acesso em: 30 mar. 2005.

- http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Beatles. Acesso em: 24 nov. 2009.

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Festial_de_Woodstock. Acesso em: 24 nov. 2009.

- <http://solascriptura-tt.org/Seitas/MovimentoNovaEraNewAge-cpr.htm>. Acesso em: 30 mar. 2005.